

TOMAZ POMPEU (*)

ELISEU FERREIRA LIMA

O dia já memorável que assinala o centenário natalício de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, encontra imortal, ainda vivificando as tradições da nossa Faculdade — a lembrança dêsse insigne cearense.

Em verdade, coincidindo passar por aqui ao atingir a plenitude — porque amadurecia fisicamente e consolidava a cultura — deixou vestígios tão profundos que nem a poeira do tempo conseguiu apagar. E o seu nome, gravado no salão do primeiro ano, convida o principiante no estudo da ciência jurídica, a conhecer a vida de quem soube, no feliz julgamento de Farias Brito, “fazer do Direito um culto”.

Conservo nítido o elogio efusivo e franco com que o mestre Heribaldo Costa respondeu-me quando investiguei o motivo dessa homenagem. Daí a respeitosa atitude que mantenho diante dessa augusta personalidade, sentimento êsse que agora, depois de lhe analisar as obras, se transforma quase em veneração. Assim, não admira o meu embaraço havendo de saudá-lo neste momento, como representante do “Centro Acadêmico Clovis Beviláqua”. Além da grandeza do assunto, há que desenvolvê-lo frente ao culto auditório que vem comungar conosco nesta festa realmente espiritual. Diz o biógrafo Emil Ludwig “que toda vez que narra a vida de um ho-

(*) Discurso pronunciado em nome do corpo discente, por ocasião da decorrência do Centenário do Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil.

mem flutua-lhe no espirito a imagem e o destino de um rio". A comparação parece perfeita para quem conhece a longa existência de Tomaz Pompeu — "o amazonas" das letras cearenses.

Prudentemente, desisto de lhe alcançar a profundidade, preferindo contemplá-lo das suas margens. Aqui e ali mergulharei as mãos para trazê-las cheias de pérolas que tantos foram os rendimentos do seu intenso labor intelectual.

Aos eruditos ouvintes cabe apreciar as pedras preciosas que o modesto garimpeiro trouxe à tona e só destarte será proficua a viagem de reconhecimento que empreendemos.

Há cem anos nasceu nesta cidade de Fortaleza, descendendo de ilustre família, o nosso homenageado. Para não me tornar demasiado longo passo por cima de certos aspectos de infância afim de chegar à estaca zero de sua trajetória literária. É o ano de 1.865, o momento em que iniciou os estudos no "Ateneu Cearense", onde demorou pouco, de vez que no ano seguinte partiu para o Rio.

No novo ambiente de clima cultural variado, encontrando condiscípulos do quilate de Silvio Romero, adquire o preparo propedêutico de que sua inteligência carecia. Já no "Ateneu Fluminense" se salientava como aluno exemplar de Filosofia e Geografia. Ingressa, portanto, no curso superior, devidamente preparado, no ano de 1.868.

A tradicional Escola de Direito do Recife (foco de irradiação da liberdade filosófica no Brasil) apanha o acadêmico, com 16 anos e lhe imprime a feição que manteve até o fim, progressivamente aperfeiçoada.

Em contacto com filósofos da envergadura de Tobias Barreto amplia os conhecimentos de que é portador, buscando novos horizontes. Data dessa época o começo de sua atividade jornalística fazendo-se, em Recife, correspondente do jornal "O Cearense". Mas, é visível o pouco calor com que parti-

cipa da vida acadêmica — geralmente revolucionária. Não se expandia como era lícito esperar da soma de valores que possuía. Depois, nem o fragor da política seduziu-o nessa fase, sobrando do desamor às lutas partidárias mais tempo para se dedicar aos livros. Pelo menos quando se formou em 1.872, aparece definido profissional e moralmente.

Regressando ao nosso convívio, entra para a redação de “O Cearense”, à sombra de seu pai — o Senador Pompeu ao lado do célebre João Brígido. Forja nesta oficina o seu moral, manejando a pena numa época em que a tradição nacional, entre outras, era qualidade imprescindível ao jornalismo. Dizem os seus biógrafos que apesar da idade deu provas de equilíbrio e moderação, sabendo se opor sem incoerência e vigiar com honestidade.

O estudante sereno, refletindo nessa indiferença ao murmúrio exterior da vida acadêmica a formação familiar que teve, desdobra-se agora no âmbito social, onde se fixou, exercendo polimorfa atuação. Advogado de fartos recursos, ganhou, por mercê de rara habilidade, sólida clientela. Cômico da posição que conquistara, adere com entusiasmo às agitações do momento. Funda em 1.873, ainda com João Brígido, o jornal maçônico “FRATERNIDADE”, trincheira que se propunha fomentar a luta contra a igreja — em torno da histórica questão religiosa.

Surge o ensêjo que nos incita a lhe surpreender a tendência filosófica.

Parece que os dois filósofos da sua preferência foram Renan e Hegel. Aliás, a placidez de sua vida lembra a influência desse pensador francês. De Hegel, parece que nunca se afastou, nem mesmo quando acolheu as doutrinas de Comte.

O novo movimento reagia contra a metafísica que êle advogava. Envolveu-se nêle, é verdade, contudo sem refutar o idealismo absoluto hegeliano, ao contrário, como Taine, ten-

tuou conciliar êsses sistemas. Daí a simpática acolhida que deu ao pensamento de Stuart Mill — o grande discípulo de Augusto Comte, que aproximou o positivismo do transcendentalismo alemão. “Fraternidade”, órgão de que era o principal redator, serviu de veículo para a expansão de suas idéias, francamente contrárias ao sistema religioso dominante no nosso meio.

Cuido, porém, que é hora de aludir ao conjunto de atributos que informam a delicadeza de sua personalidade. Destacaremos antes o fato de no recesso do seu lar, onde vivia feliz, buscar refúgio a mocidade talentosa de então, salientando dentre os frequentadores — o sábio e curioso Capistrano de Abreu. Devia seduzí-los, sobretudo, a coragem e a firmeza com que sustentava as teses levantadas durante as reuniões. Farias Brito disse que a inteligência de Tomaz Pompeu repetia a elegância de sua vida ordinária. Com efeito, o eco dessa afirmação repercute nos obstáculos que teve êle de enfrentar, de que é exemplo a atitude desassomburada, deixando a maçonaria por não concordar com os métodos secretos dessa sociedade. Nêsse recuo vislumbra-se a independência de um caráter — servo da razão e que obedece à voz da consciência.

É sublime a posição que assume mais tarde, depois que descobre, através da pintura italiana, a sublimidade do cristianismo. Sofre tal modificação, que daí por diante não se limita a respeitar o clero, vai além, passa a admirá-lo. E no fim da vida evitava expor sua filosofia, cautela que informa — a meu ver — sapiência e educação.

Vejamo-lo no campo da política, que cêdo o atraiu. Da primeira vez que tentou conquistar a cadeira de deputado, não a conseguiu, pela mesma causa obstruidora do triunfo inicial de Rui. O clero se lhe mostrou hostil. Estava recente a áspera campanha do livre pensador. Só algum tempo depois chegou ao Congresso, onde se impôs desde os primeiros lan-

ces pelo aprumo moral do seu comportamento. Tinha da raça latina o sentimento de humanidade e porisso a campanha abolicionista encontrou-o defendendo os escravos, embora previsse no triunfo dessa causa a ruina do trono que defendia e amava.

Recebeu a República com reservas, ficando entre os amigos de D. Pedro II, que não lhe apedrejaram a velhice. E porque se conservou monarquista, quase perdia a cadeira de lente do Colégio Militar.

Sempre entendeu que a única e legítima fonte da Sobe- rania vinda à fôrça. Dizia que o povo geralmente age às cegas e o poder, porisso mesmo, só é forte quando exercido por clas- ses privilegiadas. Pregava, já se vê, idéias políticas incompatíveis com a recente forma de govêrno implantada no Brasil. Coerente com o passado abandona nessa altura a política. É notável o discurso que pronuncia por ocasião do primeiro ani- versário da "Academia Cearense", em que proclama ser o des- contentamento útil, porque obriga à opposição construtiva, sendo o seu papel na política igual ao da dúvida, na ciência. Nesta oração, faz o elogio da Ciência, em cujo setor, afirma, o homem pode trabalhar com afinco pela Pátria. E oferece fri- zante modelo, dedicando-se à incansável lida de que são mani- festações as obras que integram sua rica bibliografia. É, em regra, difficil centralizar a produção intelectual de quem es- creveu sôbre diversos assuntos. É o caso presente. Mas, parece que o centro de gravitação da atividade científica dêle era o binômio: o homem e a terra.

Impressiona o conhecimento que demonstra ter de Geo- grafia, principalmente do capitulo moderno — que situa a po- sição geográfica do homem. Legítimo geógrafo, não afirma que as atividades, humanas sejam determinadas pelo meio físico. Não Sustenta, com Vidal de La Blache a recíproca re- lação determinante entre o homem e o ambiente que o envol-

ve. Particularizando êsses princípios no estudo do Ceará e sua população, aprofunda-se de tal maneira, que nenhum problema peculiar à nossa região lhe escapou à paciente análise. No “Dicionário topográfico do Ceará” e noutra obra — “O Ceará no comêço do século XX”, faz minuciosas referências às condições físicas, econômicas e morais da província — pesquisas cuja precisão vai ao extremo de registrar o número de escravos existentes em cada povoado. No segundo, à luz da Estatística, indica o único processo racional capaz de minorar a situação resultante das sêcas — ou seja o aproveitamento, em reprêsas, das chuvas caídas no nosso solo — que é — acentua, bastante favorecido pelos agentes elaboradores da vida vegetal e animal.

Confesso que o matizado panorama da região que devas-se, disorientou-me. Devo, procurando o Norte, localizar a ação dêsse erudito polígrafo dentro da nossa Faculdade.

No curso da existência que observamos, essa é a parte mais profunda e de acesso difícil. Assim, com o douto intérprete da congregação fica a tarefa penetrante de exaurir-lhe a fecundidade. Estou que o meu dever precípua é insuflar no espírito da juventude que moureja neste templo da Justiça, obras de Direito êle escreveu. Já se disse alhures que reside na especialização dos assuntos que focalizou a quase ignorância desse monumento literário. Sejam os estudantes de Direito os primeiros no seu setor a levantarem as bandeiras nesta cruzada de ressurgimento espiritual.

Enriquecendo a nossa Biblioteca está o compêndio de “Direito Público Constitucional”, livro gigantesco para a época em que apareceu. As memórias históricas, desta Faculdade são outras fontes perenes de ensinamentos, cuja leitura é de inestimável proveito para nós, até porque nessas páginas se encontram amplos estudos de metodologia jurídica. Se o tempo de que dispomos é escasso, aconselho o “Jury e sua deca-

dência”, magnífico trabalho onde, com notável intuição, expõe argumentos que ainda hoje servem de armas de combate contra êsse instituto.

E, finalmente, tantas outras produções, cuja relação total consumiria tempo que não me resta.

Integrava o bloco fundador da “Escola Livre de Direito”, para a qual redigiu o regulamento. Embora só depois de encampada pelo Estado viesse a dirigi-la, animou-a sempre com a sua austera disciplina. Conhecendo todos os ramos da árvore jurídica, peregrinou por várias cátedras, espargindo ensinamentos que lhe valeram a eterna gratidão dos que tiveram o prazer de ouvi-lo.

É, portanto, justa, Tomaz Pompeu, a homenagem que nesta tarde vos prestamos.

É de Ihering — o filósofo — esta expressão: “aquele que tem por si a mocidade, é senhor do futuro”. Perfeitamente.

A vossa memória nos pertence, porque o exemplo é ainda a melhor das lições.

A obra que iniciastes sobre a vida de José de Alencar, suspensa pela morte, é bem o símbolo de uma operosa vida que não fez ponto final — apenas longa e saudosa reticência...

Tanto é isso verdadeiro que a história — justiceira como é — consentiu fosse o vosso centenário o sinal luminoso que anuncia o jubileu desta casa. No momento em que vos saudamos queremos repetir a prece cívica com que Antônio Augusto vos exaltou certa vez: Salve, auto-estatuário! Glória da terra natal!